

A REFORMA.

ORGÃO DO PARTIDO LIBERAL.

JORNAL POLITICO, NOTICIOSO E COMMERCIAL.

REDACTORES: — DIVERSOS.

ADMINISTRADOR. João Gonçalves de Oliveira.

ESCRITORIO, á rua Nova n. 48.

A «REFORMA» publica-se todos os dias á excepção dos immediatos aos santificados.

A REFORMA.

PORTO ALEGRE 21 DE SETEMBRO DE 1869.

LEI DO ORÇAMENTO.

Pelo §. 1.º da lei do orçamento está o presidente da assembleia provincial autorizada a organizar a secretaria com a condição de ficarem os ordenados augmentados em vinte por cento.

O que justifica esta disposição da lei?

Não o sabemos.

Em toda parte em que os negocios publicos são seriamente tratados, em que a missão do legislador significa o sacerdocio do cidadão, depositario do mandato popular, para convertel-o em instrumento do bem publico, da verdade, dos interesses reaes da sociedade, as verbas de despesa são discutidas, provadas, demonstradas pela imprensa e os tribunals, afim de que o povo saiba em nome de que interesses se pede o seu sacrificio.

Não censuramos em repetir: o Estado, a provincia, o municipio, não fazem dinheiro; o que arrecadam em seus cofres é o producto do imposto que o povo paga. Já se vê com quanta discricão, com quanto respeito devem os legisladores que decretam os impostos, decretar a sua applicação.

Ha regras fixas, invariaveis, da sciencia economica, que regulam a applicação dos dinheiros publicos; é um crime applicar-se o dinheiro de todos em proveito particular d'alguns.

Quando os povos têm indifferentes abrissem seus cofres pela corrupção e immoralidade dos seus legisladores, é um symptoma grave que denuncia a existencia de um grande mal, mal perigoso, e cheio de funestas consequências.

Ha despesas, porém, indispensaveis. O Estado deve pagar aos seus servidores, a seus funcionarios, mas o pagamento de seu serviço na razão dos serviços que recebem, na proporção do trabalho.

A regra em relação a esta matéria deve ser a seguinte: — crescer o emprego segundo as necessidades publicas que deve attender; e a retribuição do Estado segundo o trabalho do funcionario.

A decação do emprego para economizar pretendentes, é um erro, um absurdo, e o legislador que assim procede trahe sua missão, a designação do ordenado, a condição da sua situação, sem decretar-se augmento do trabalho, e sem a sua real justificação, é um crime.

Por que mandos a assembleia provincial reformar a sua secretaria?

Por que mandos augmentar os ordenados dos seus empregados?

Não, Sr., não é com uma emenda apresentada a modo, as economias, que se economiza o povo, que se justifica o emprego que se faz do seu dinheiro.

O legislador não pode fazer favores, nem despezas a seu bel prazer do que não lhe pertence.

O autor da emenda que censuramos devia provar os tribunos ou na imprensa a necessidade da reforma, e a razão do augmento dos vencimentos.

A assembleia votou a sua discussão, sem tanto!

Entre na ordem.

O augmento dos vencimentos para os empregados da secretaria da assembleia é injustificado, especialmente considerando-se que os seus ordenados não soffrem a menor despesa em seus ordenados durante o anno e recebem ao maximo 4 mezes, sendo-lhes permitido por isso dispor de 5 como economizando no resto dos seus interesses!

GOVERNO PREVARICADOR.

O Sr. Antão não explicou-se, o Sr. Itaborahy emudeceu ante os gravissimos cargos formulados pela «Reforma» da corte em relação aos escandalosos factos indicados pelo Sr. Rego Macedo e Silveira Martins.

A compra de terrenos da viua Borges, e as empresas das americanos que vieram dos Estados-Unidos atraz dos «generos» do ministro da fazenda e presidente do conselho, são factos que fazem duvidar da probidade do governo.

A imprensa denunciou-os, discutiu-os valentemente, a opinião preparou-se para ouvir a defesa dos accusados.

«No parlamento esperava-se a justificação do ministro Antão, e no entretanto nada appareceu!»

Tomaram a palavra pela imprensa, quem? — E incrédulo! — os «generos do ministro», e os interessados, os socios dos americanos!

Foram estes que procuraram defender o governo, provar a innocencia do Sr. Antão!

Ha um ponto, porém, que a opinião publica da corte não pôde ver explicado satisfactoriamente.

E' o seguinte:

Como se chegou aos Estados-Unidos a fama dos empresarios Carvalho e Cotrim, fama que aconselhou aos americanos a procurarem os para com elles associar-se?

Como atravessou o oceano a fama do tino, das habilidades, do genio empresario dos «generos dos ministros», homens desconhecidos inteiramente mesmo dentro do paiz?

Sobre esta «intrincada» ponto ouça o publico as ultimas palavras da «Reforma» da corte sobre a questão!

O Sr. José Dias Delgado de Carvalho, genro do Sr. ministro da fazenda, voltou á imprensa para provar que com effeito emprestou 50:000\$ aos empresarios do caminho de ferro de S. Christóvão para se comprar o caminho de Andarahy.

A prova que o Sr. Carvalho offerece é o testemunho do seu «advogado» e do «avendo», permitta que lhe diga que pela intervenção directa que no negocio tomaram, não este nem aquelle podem fazer em juizo prova n'uma transacção, que se ataca como um acto simulado.»

«Appezar do Sr. Carvalho pretender attribuir á paixão partidaria as accusações que formulou contra o governo, não seré eu que me prevaleça da lei para destruir o depoimento dos dois cavalheiros pelo Sr. Carvalho chamados; não senhor; concesso ao Sr. Carvalho isso, e o mais que quizer; o que por nenhum modo admitto, é que o Sr. Carvalho, nem seu advogado, nem o Sr. Caimari, nem o Sr. Bezerra, nem ninguém diga que as modificações feitas ao contracto não fossem verdadeiros favores concedidos aos generos do presidente do conselho.»

«Pois pôde haver alguém tão simples, que acredite, que os americanos foram procurar o genro do ministro em «razão de suas habilitações?»

«Quaes são para esse «trafico» as habilitações que o Sr. Carvalho tem, e que qualquer outro mortal não tenha, senão a do ser genro de seu sogro, e o presidente do conselho, o «honorado» Sr. visconde do Itaborahy?»

«Porque se lembraram os americanos do Sr. Carvalho, se quem não conheciam, e se não de algum embleto do estado de mais aptidão?»

«Porque se lembraram os americanos do Sr. Carvalho, se quem não conheciam, e se não de algum embleto do estado de mais aptidão?»

«Por se lembraram os americanos do Sr. Carvalho, se quem não conheciam, e se não de algum embleto do estado de mais aptidão?»

«Por se lembraram os americanos do Sr. Carvalho, se quem não conheciam, e se não de algum embleto do estado de mais aptidão?»

«Por se lembraram os americanos do Sr. Carvalho, se quem não conheciam, e se não de algum embleto do estado de mais aptidão?»

«O que se nega ao Sr. Caimari, se concesso ao Sr. Carvalho, porque?»

«Se a coisa que ambos pretendiam era a mesma, a razão da preferéncia é toda pessoal; é que o Sr. Caimari não é como o Sr. Carvalho «genro do ministro.»

CHRONICA DIARIA.

Ovação: — Na noite de sabbado um grande concurso de cidadãos, precedidos de uma banda de musica, foram á residencia do nosso amigo Sr. Antonio Francisco Vello, saudar o joven e intrépido 1.º tenente da armada Antonio Francisco Vello Filho.

O digno pai do victorioso maneoce offereceu aos seus amigos e apreciadores do merito do distincto official um «copo d'agua», durante o qual fizeram-se as mais entusiasticas e patrioticas saudações.

O joven official devia sentir-se orgulhoso ao receber essa ovacão na sua terra natal, e feliz por ver testemunha d'ella a seu pai, a quem a Providencia reservou esses momentos de extrema satisfação.

Passamento: — A's 5 horas da tarde do dia 19 falleceu o Sr. Catão Damasceno Ferreira, jovem e intelligente 2.º official da secretaria do governo.

Deixou na viuvez uma interessante e joven senhora, e na angustia da orphanidade duas innocentes crianças.

A sua distincta familia, e ao seu digno e respeitavel pai o Sr. João Damasceno Ferreira, apresentamos os nossos sinceros pozames.

Sociedade de Beneficencia Brasileira-União.

«Deve hoje ter lugar no theatro S. Pedro, o beneficio da sociedade de beneficencia Brasileira-União.

O publico d'esta capital, sempre generoso quando se recorre a elle em nome dos sentimentos da caridade e patriotismo, não ouvirá certamente em vão o apello que lhe faz a sociedade beneficencia.

Amores do governo:

Disse o Sr. Antão, ex-presidente d'esta provincia, e actual ministro das obras publicas, fallando das viagens da companhia dos paquetes: «Quantos á linha do sul tambem entendi que não havia necessidade de ir do Rio Grande a Montevideo, e correspondencia do Rio Grande não é de ordinario feita para a praça de Montevideo, e sim para esta corte e provincias do norte. Muito poucas são as relações.»

«Graças ao Sr. Antão, S. Ex. ou o Sr. Costa Pinto! O Rio Grande do Sul que se limite ao seu destino: dar gente para a guerra.

Pobre Crimés!

Jornal do Povo:

«E' este o titulo de um novo jornal que appareceu domingo n'esta capital annunciando sua publicação ás segundas-feiras.

O seu inspirado artigo inicial é um programma nobre e digno de saudação. Não se propõe defender determinadas ideias politicas; não se constitua organo de um partido; porém, declara-se campeão das ideias populares e levanta a gloriosa bandeira em que inscreve a legenda: — «provo, — mocidade — o futuro.»

De envols com as nossas saudações entiamos ao novo jornal os votos que fazemos pela sua duração e prosperidade.

A «Reforma» cumpre um dever de cortesia transcrevendo em suas columnas o brilhante artigo inicial com que abriu sua carreira a nova folha.

El-o:

«PORTO ALEGRE 19 DE SETEMBRO DE 1869.

E' veloz a reacção a dizer cada athleta do poter, quando vai arguer o quanto lançado em meio do grande circo da imprensa, em phrases incisivas e vivas propositas que os movimentos por que se ataca á pugna como costuma, em dias de torção, os cavalheiros da cidade não a exarar em seus braços o seu motto de guerra.

Não, mocidade rio-grandense, embelleza e arborosa como aipilla, não entretomamos a justa com que tivemos presentes as nossas saudações: — a unica d'essa é o unico titulo que nos apresentamos, e tambem é o nosso motto.

Furtarmo-nos a esse dever de lealdade seria talvez um crime, e crime maior ainda por que esse motto que encerra-se n'estas palavras «Jornal do Povo», nos fara lembrar a existencia, pois é nosso nome.

A missão do «Jornal do Povo» é como a de todo o obreiro do porvir, o apostolado da civilização: o unico escopo que pretende é a gloria de propagar a liberdade e o progresso ao povo, de que se constitue organo.

Assim irá despertar entre esse povo tudo quanto ha de nobre e grandioso, tornando-se o olho de suas ideias, o sensor austero de seus desvarios, e o mais decidido propagador de seus direiros.

A provincia do Rio Grande do Sul passa actualmente por uma regeneração brilhante; commettimentos os mais importantes adiantam-lhe o passo na senda do progresso material, como seus filhos heroes ganham a cada passo um obstaculo, a cada golpe um triumpho nos campos de batalha: se illustram nas artes, sciencias e letras, e ampliam na industria, no commercio e navegação a sua riqueza fabrica.

N'esta provincia, pois, onde tudo se engrandece como por encanto, onde o dia de hontem não pode ser equiparado ao de hoje pela rapidez com que uma ideia em embryo se torna corpo e realidade, onde uma mocidade cheia de vitalidade e intelligencia se levanta, semelhante ao bnd abito em uma manhã de primavera, cantando estrophas ao arrebol d'um futuro grandioso, crimos prestar-lhe um serviço creando este jornal que trata francas suas columnas para a expressão d'essas ideias, recebendo com prazer a locução do estudioso indagador, do pensador molesto, sendo o selletiro enfim dos fructos das nossas jovens intelligencias, senão a sala d'armas onde venha esgrimir-se a mocidade rio-grandense, abraçando-se para as lides do progresso e do futuro.

Esta pois traçada a senda que tem á percorrer o «Jornal do Povo.»

Se cardos, travos e asperças encontrar em sua peregrinação, elle se esforçará em transpô-las, desprezando os apodos e epigrammas da inveja, as affrontas da mediocridade offendida, e galgando as entranças que lhe arguem a especulação.»

Ristori:

«Lá-se na «Reforma» da corte: Retirou-se ante-hontem para o Rio da Prata a companhia dramatica italiana.

A ultima representação foi sabbado com o interessante e espectacularo drama — Maria Antonietta.

O theatro lyrico estava litteralmente apinhado.

Os applausos não cessaram durante toda a representação.

«No fim foi Adelaide Ristori chamada muitas vezes a scena: o paleo ficou juncado do ramalhete e corás de flores; os applausos eram unanimes e calorosos como nunca artista algum os recebeu das nossas platéas, porque tambem Ristori é a primeira, a maior tragica do seu tempo.

Seguiu-se tocada pela orchestra dirigida pelo Sr. Fiorito a bella symphonia de Mercadante — O lamento do bardo, escolha que era ainda uma homenagem á grande artista.

Foi em seguida executada por numerosas vozes de amadores e alumnos do conservatorio uma cantata expressamente composta pelo Sr. Fiorito para essa noite.

Era uma saudação e uma despedida á tragica eximia, a dama do elevados sentimentos que honra a um tempo o seu paiz e o arte.

Pouco ensaiada, não pôde a composição do Sr. Fiorito produzir todo o effeito que devia.

De concluido um trabalho de merito como os são escrever o distincto professor. Ao terminar a cantata, a que assistiu entre os exultantes a Srs. Ristori, recommou a oração.

O Sr. Dr. Rosendo Moniz Barreto em uma peça de versos calorosamente applaudida pelo publico disse-lhe em nome de todos um saudoso e sentido adeus.

Fora do theatro, porém, estava preparada uma manifestação ainda maior do que a havia sido aquelle momento.

Chamada ainda uma vez á presença de SS. MM. H. e de S. A. I. ás duas horas da madrugada pôde a Sra. Ristori sair do theatro. A praça estava apinhada de povo.

Formou-se um filho de um prestito que abria aos banda de musica cercada de numerosos archotes; seguia-se o carro da Sra. Ristori tambem cercado de archotes e depois disso com carros entre os quaes muitos particulares e de pessoas das mais distinctas d'esta corte.

De vez em quando um apparelho electrico collocado na frente, e fogos de bengalla de diversas cores accessos em toda a longa extensão da linha de carros, davam á festa alguma coisa de phantastico e faziam empallidecer a claridade das centenas de archotes que de um e de outro lado illuminavam o prestito.

Ao chegar á residencia da eximia artista, as bandas de musica tocaram o hymno italiano e souo um ultimo e entusiastico applauso da despedida.

«Commodata até as lagrimas, a Sra. Ristori agradeceu dizendo: «Non addio! a riverderci!»

De facto a Sra. Ristori e a sua companhia ao regressarem do Rio da Prata dar-nos-hão ainda tres unicas representações, uma das quaes será em beneficio do Asylo dos Invalidos da Prata.

E' o generoso adeus da grande artista ao publico que tanta justiça fez ao seu genio e ás elevadas qualidades do seu coração.

Para então guardamos o nosso adeus a quem veio revelar-nos um mundo desconhecido na poesia e na arte.

O Parthenon:

«Esta associação litteraria realisa um dos metos que julgou efficazes, a exhibição de uma recita no theatro d'esta capital, para commemorar o grande facto politico que resume todas as glorias do Imperio, dando a liberdade a seres innocentes que nasceram sob o cío da nossa terra.»

«O Parthenon», como illustrado e pratico abolicionista, tomou a vanguarda da civilização, da cruzada liberal em que todos os brasileiros, qualquer que seja a sua creença, têm uma só palavra, têm uma só opinião.

Não é para estranhar-se a manifestação que esta provincia ora faz adherido sincera e entusiasticamente á grande ideia humanitaria, á execução da escravidão, porque é verdade que d'este modo terrível tem salido decaídos philantropos e legisladores que têm a vida e a honra e a economia do estabelecimento do trabalho livre no Brasil.

E' certo que era mister lutar com muito inconveniente, affrontar com impertinente coragem as velhas usanças e que só o tempo podia trazer com calma o triumpho da verdade.

Foi, por isso, justificada a delonga, mas, ainda por isso mesmo, reage o paiz inteiro com magestade e força contra as diffideuldades; e nós mais que nem uma outra provincia, vemos a necessidade de assegurarmos o nosso futuro engrandecimento pela liberdade effectiva e real no interior domestico.

Viu-se sobre o palco VINTE E UMA CRIANÇAS brasi-leiras nascidas n'este solo livre, algumas das quaes claras e loiras como as filhas do Gaucaso, e outras de faces requemadas mas esplendidas de bella infantil, como as nascidas debaixo do sol do Equador; e essas vinte e uma crianças e o illustrado «Parthenon» quibrára os ferros já cercados da escravidão domestica, em que, seja dita a verdade, tomaram viva parte muitos hommas e generosos senhores. Viu-se sobre o palco do theatro d'esta capital, uma d'essas scenas em que o coração e a alma de um povo intelligente e philantropo altamente se revelam, e não haveria quem não exclamasse:

«Salve, Rio Grande, terra da liberdade, que levantas tua fronte sobranceira, radiante, magnifica no esplendente horizonte do progresso.

Viva a nação Brasileira e suas livres instituições.

Viva o desenvolvimento moral e material do paiz.

Viva a liberdade domestica.

Porto Alegre 19 de Setembro de 1869.

Dr. Valle Caldre e Fialo.

ESTERIOR.

Estados-Unidos.

Nov-York 23 de Julho de 1869.

(Continuado a. 78.)

«Mas se o escravo era um homem, o deuo d'elle tambem é um homem, um filho de Deus, elle tambem teve fô, e não combeten sem crer-se santificado na crança de quem combatia pela justiça; era, pois, digno de Deus que todos as suas desgraças fossem reparadas; e vende, como ora vemos, a regeneração progressiva do Sul, os fructos que já se colhem do trabalho livre, firmamos-nos

o se recorre a elle em nome dos sentimentos da caridade e patriotismo, não oucertamente em vão o appello que lhe sociedade beneficiada.

honores do governo : — Disse o então, ex-presidente d'esta provincia, e ministro das obras publicas, fallando agens da companhia dos paquetes :

Quanto á linha do sul tambem entendi não havia necessidade de ir do Rio Grande do Sul a Montevidéo: a correspondencia do Rio de Janeiro não é de ordinario feita para a praça de Montevidéo, e sim para esta côrte e pros de norte. Muito poucas são as rela-

ções ao Sr. Antão. S. Ex. ou o Sr. Pinto! O Rio Grande do Sul que se vai ao seu destino: dar gente para a guerra de Criméa!

Jornal do Povo : — E' este o titulo do novo jornal que appareceu domingo capital annunciando sua publicação ás duas-feiras.

seu inspirado artigo inicial é um programma nobre e digno de saudação.

o se propõe defender determinadas politicas; não se constitue órgão de um partido, porém, declara-se campeão das opiniões populares e levanta a gloriosa bandeira em que inscreveu a legenda : — «povo, liberdade — e futuro.»

envolta com as nossas saudações enviados ao novo jornal os votos que fazemos pela sua duração e prosperidade.

«Reforma» cumpre um dever de cortesia transcrevendo em suas columnas o brillante artigo inicial com que abriu sua carreira a nova folha.

il-o :

PORTO ALEGRE 19 DE SETEMBRO DE 1869.

velha usança o dizer cada athleta do circo, quando vai erguer o guante lançado ao meio do grande circo da imprensa, em voz incisiva e voz prophetica quaes os moços por que se atira á pugna como costumam, em dias de torneio, os cavalheiros de idade média exarar em seus braços o seu leão de guerra.

Nós, mocidade rio-grandense, cavalheiresca e ardorosa como aquella, não entretemos a justa sem que tornemos patentes as nossas aspirações — a nossa divisa é o unico leão que nos apresentamos, e tambem é o seu nome.

a especulação. »

Ristori : — Lê-se na « Reforma » da côrte :

Retirou se ante-hontem para o Rio da Prata a companhia dramatica italiana.

A ultima representação foi sabbado com o interessante e espectacular drama — Maria Antonietta.

O theatro lyrico estava litteralmente apinhado.

Os applausos não cessaram durante toda a representação.

No fim foi Adelaide Ristori chamada muitas vezes á scena : o palco ficou juncado de ramalhetes e corôas de flôres ; os applausos eram unanimes e calorosos como nunca artista algum os recebeu das nossas platéas, porque tambem Ristori é a primeira, a maior tragica do seu tempo.

Seguiu-se tocada pela orchestra dirigida pelo Sr. Fiorito a bella symphonia de Mercadante — O lamento do bardo, escolha que era ainda uma homenagem á grande artista.

Foi em seguida executada por numerosas vozes de amadores e alumnos do conservatorio uma cantata expressamente composta pelo Sr. Fiorito para essa noite.

Era uma saudação e uma despedida á tragica eximia, a dama de elevados sentimentos que honra a um tempo o seu paiz e a arte.

Pouco ensaiada, não pôde a composição do Sr. Fiorito produzir todo o effeito que devia.

E' contudo um trabalho de merito como os sóe escrever o distincto professor.

Ao terminar a cantata, a que assistiu entre os executantes a Sra. Ristori, recommçou a ovação.

O Sr. Dr. Rosendo Moniz Barreto em uma peça de versos calorosamente applaudida pelo publico disse-lhe em nome de todos um saudoso e sentido adeus.

Fôra do theatro, porém, estava preparada uma manifestação ainda maior do que a havida até aquelle momento.

Chamada ainda uma vez á presença de SS. MM. II. e de S. A. I. ás duas horas da madrugada pôde a Sra. Ristori sahir do theatro. A praça estava apinhada de povo.

Formou-se então um prestito que abria uma banda de musica cercada de numerosos archotes : seguia-se o carro da Sra. Ristori tambem cercado de archotes e depois mais de cem carros entre os quaes muitos particulares e de pessoas das mais distinctas d'esta côrte.

Fechava o acompanhamento outra banda de musica.

inconvenientemente, affrontando com coragem as velhas usanças, pois que podia trazer com elle a verdade.

Foi, por isso, justificado, ainda por isso mesmo, com magestade e força de argumentos ; e nós mais que na provincia, vemos a necessidade do nosso futuro engrandecimento e realidade effectiva e realistico.

Viu-se sobre o palco ANÇAS brasileiras nas algumas das quaes clarissimas filhas do Caucaso, e outras madas mas esplendidas como as nascidas debaixo da a essas vinte e uma «Parthenon» quebrára a da escravidão domestica verdade, tomaram vivas nos e generosos «senhores» do palco do theatro d'esta scenas em que o coração intelligente e philanthropico velam, e não haveria o

Salve, Rio Grande, levantas tua fronte sob o sol fica no esplendente horizonte. Viva a nação Brasileira tuições.

Viva o desenvolvimto do paiz.

Viva a liberdade do Porto Alegre 19 de

Dr. Va

EXTER

Estados

Nova-York 23 de

(Continuação)

Mas se o escravo doheu d'elle tambem filho de Deus, elle não combateu sem na crença de que coiza : era, pois, digno as suas desgraças fofendo, como ora ver progressiva do Sul, o cohem do trabalho

de se-
la por
pala-
rar a
mo a
do da
de é a
pro-
e or-
o tu-
nan-
stero
pug-
passa
ante;
dian-
ma-
am a
um
llus-
oliam
ção a
en-
ia de
boie

De vez em quando um apparelho electrico collocado na frente, e fogos de bengalla de diversas côres accesos em toda a longa extensão da linha de carros, davam á festa alguma coisa de phantastico e faziam empallidecer a claridade das centenas de archotes que de um e de outro lado illuminavam o pres-
tito.

Ao chegar á residencia da eximia artista, as bandas de musica tocaram o hymno italiano e souu um ultimo e enthusiastico applauso de despedida.

Commovida até as lagrimas, a Sra. Ristori agradeceu dizendo : « Non addio ! a riverderci ! »

De facto a Sra. Ristori e a sua companhia ao regressarem do Rio da Prata dar-nos-hão ainda trez unicas representações, uma das quaes será em beneficio do Asylo dos Invalidos da Patria.

E' o generoso adeus da grande artista ao publico que tanta justiça fez ao seu genio e ás elevadas qualidades do seu coração.

Para então guardamos o nosso adeus a quem veio revelar-nos um mundo desconhecido na poesia e na arte.